

Fausto Viana, Carla Costa e Nairim Bernardo (orgs.)

**DOS BASTIDORES EU VEJO O  
MUNDO: CENOGRAFIA, FIGURINO,  
MAQUIAGEM E MAIS**  
**Vol. VII - Edição Especial Teatros Pretos**

ISBN 978-65-88640-71-5  
DOI 10.11606/9786588640715

São Paulo  
ECA-USP  
2022

  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

  
NÚCLEO DE PESQUISA  
TRAJE DE CENA  
INDUMENTÁRIA E TECNOLOGIA

Organização: Fausto Viana, Carla Costa e Nairim Bernardo

Direção de arte: Maria Eduarda Borges

Revisão de texto: Lara Nunes | Tikinet

Diagramação: Ronaldo Chagas | Tikinet

Capa: Maria Eduarda Borges

Foto da Capa: "José da Silva interpreta o Feiticeiro do Congo na peça de estreia do Teatro Experimental do Negro, O imperador Jones, de Eugene O'Neill. Teatro Municipal do Rio de Janeiro, 8 de maio de 1945". Acervo IPEAFRO (Disponível em: <https://ipeafro.org.br/75-anos-do-teatro-experimental-do-negro/>)

**Catálogo na Publicação**  
**Serviço de Biblioteca e Documentação**  
**Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**

D722            Dos bastidores eu vejo o mundo [recurso eletrônico] : cenografia, figurino, maquiagem e mais : vol. VII : edição especial teatros pretos / organização Fausto Viana, Carla Costa e Nairim Bernardo. – São Paulo : ECA-USP, 2022.  
422 p. : il. – (PPGAC ECA USP 40 anos ; 6)

ISBN 978-65-88640-71-5  
DOI 10.11606/9786588640715

1. Figurino. 2. Cenografia. 3. Teatros pretos. 4. Teatro Experimental no Negro. Os Crespos. I. Viana, Fausto. II. Costa, Carla. III. Bernardo, Nairim.

CDD 21. ed. – 792.026

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado CRB-8/6194

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte, proibindo qualquer uso para fins comerciais.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Todos os esforços foram feitos para que nenhum direito autoral fosse violado no *Dos bastidores eu vejo o mundo: cenografia, figurino, maquiagem e mais - volume 7, Edição Especial Teatros Pretos*. As fontes citadas foram explicitadas no texto ou em notas de rodapé ou de fim, e as imagens foram pesquisadas para creditar seus autores. Porém nem sempre foi possível encontra-los. Caso algum texto esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, entre em contato com Fausto Viana que teremos prazer em dar o devido crédito.

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Escola de Comunicações e Artes

Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Vice-diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443

Cidade Universitária CEP-05508-020

# APRESENTAÇÃO

## FOREWORD

“Teatros pretos” é o nome da edição especial de *Dos bastidores eu vejo o mundo*, que chega ao místico número 7 no seu sexto ano.

Eu sempre tive o claro entendimento de que *Dos bastidores* não é uma publicação para ser saboreada agora no começo do século XXI e que o objetivo principal da publicação é funcionar como um documento histórico, um registro de alguns poucos eventos aos quais pudemos assistir, bem como refletir e conversar com as pessoas que fizeram parte dele fora do olhar do público. *Dos bastidores* continua sendo uma publicação voltada para as coxias e sobre quem trabalha nelas, ainda que coxias, hoje em dia, não existam em muitos modelos das artes cênicas. Parafraseando Edward Gordon Craig: o que escrevemos é para ser lido no futuro, e não no presente, já que hoje ninguém tem tempo. Se ele disse isso por volta de 1905, ano supostamente mais tranquilo, imaginem hoje.

Por serem documentos, o maior desejo de todos os editores e autores que já trabalharam em alguma edição de *Dos bastidores* era que ela pudesse ser acessível ao maior número possível de pessoas e pesquisadores. Assim felizmente tem acontecido, já que todas as edições estão disponíveis para download no Portal de Livros Abertos da Universidade de São Paulo. Relendo a apresentação do primeiro volume, percebi que ainda não conseguimos materializar, porém, um desejo: realizar uma cópia impressa dos trabalhos e efetivar o seu depósito em uma biblioteca, garantindo a sua consulta no futuro. Apesar da grande democratização que a internet propicia, sabemos também da precariedade da conservação dos dados e de como o futuro é nebuloso no que se refere à preservação da memória digital. Logo, uma publicação destinada a conservar a memória pode ser simplesmente esquecida por não ter uma cópia física. Quem sabe não teremos uma solução rápida e efetiva para isso no futuro?

*Dos bastidores* é uma publicação que respeita o nosso tempo de pensamento, o nosso desejo de pesquisa e as nossas escolhas no que se refere às temáticas de cada edição. Não desejamos ser avaliados por alguma instituição ou regra como o

Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que estabelece metas que nós não queremos ou não temos a disponibilidade de tempo exigida para atingir.

*Dos bastidores* nasce do *nosso* desejo de pesquisar. De registrar. De salvaguardar. De estudar aquilo que *nós* gostamos, mas que, acima de tudo, percebemos que faz falta no campo de estudos a que *nos* dedicamos: a cenografia, a indumentária, a maquiagem etc.

O leitor certamente deve ter percebido que eu habilmente saí da primeira pessoa do singular para a primeira do plural, do *eu* para o *nós*. Fiz isto porque esta publicação não aconteceria se um grupo significativo de pessoas que tem trabalhado junto há alguns anos não respondesse positivamente toda vez que uma temática particularmente difícil fosse proposta, como mais uma vez aconteceu. Este grupo de pessoas se reúne no Núcleo de Traje de Cena, Indumentária e Tecnologia da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Assim, aos pesquisadores do Núcleo de Traje, o meu muito obrigado. Tenho certeza de que mais uma das nossas publicações saiu com a qualidade necessária.

Se na nossa edição número 6 – sobre performance – sentimos a necessidade de convidar um pesquisador – San Pestana – que estivesse profundamente ligado ao tema e as especificidades que ele exigia para ser um dos organizadores, a delicadeza do tema escolhido *para* o sétimo volume de *Dos bastidores* nos conduziu a escolha de duas organizadoras para trabalharem conosco: Nairim Liz Bernardo, jornalista formada e estudante de artes cênicas, e Carla Costa, professora de modelagem e indumentária no Rio de Janeiro e recentemente aprovada no concurso para o Departamento de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

Nairim foi minha aluna no curso de artes cênicas da ECA e também minha orientanda de iniciação científica em um trabalho sobre trajes afrofuturistas. O nível de maturidade de Nairim chamou muito minha atenção e pensei que esta oportunidade seria ideal para um trabalho de sua autoria sobre os teatros pretos, aliando seu treinamento para ser atriz com sua experiência como jornalista.

Carla Costa era nossa velha conhecida do Colóquio de Moda, em que a equipe central do Núcleo de Traje de Cena mantém um grupo de trabalho desde 2009 – está, em 2022, na sua 14ª versão. Além da experiência docente no Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil do Senai (SENAI-CETIQT), na Unirio e na

Faculdade Angel Vianna, Carla traz uma boa experiência profissional de confecção de trajes para as artes cênicas, o que fez deu ainda mais sentido ao nosso convite para a organização desta edição, já que Carla alia a prática e a teoria em seus trabalhos.

Ambas são mulheres negras e muito cientes da sua participação social. Eu, acima de tudo, gosto demais das duas – nem sempre se pode deixar a afetividade de lado... – e senti que era o momento de, pela primeira vez, termos organizadoras externas ao Núcleo; pessoas que estavam interessadas na troca que a experiência poderia promover.

A edição de *Teatros negros* precisava deste olhar específico, o que ficou claro na atuação precisa que as duas tiveram. Fica aqui registrado o meu (nosso) agradecimento pelas inúmeras horas de reunião, encontros, mensagens de WhatsApp, leituras de texto, revisões... enfim, todo o trabalho que uma edição de *Dos bastidores* exige.

A proposta das duas pesquisadoras não foi, de modo algum, excludente: a chamada aberta para artigos era para brancos e negros, para qualquer pesquisador que abraçasse o tema de *Dos bastidores* – as visualidades e quem as produz nos bastidores. Pensamos, inicialmente, em manter ao menos uma proporção de 50% para 50%, abrindo espaço para aqueles que tradicionalmente não o têm na academia, altamente excludente e branca.

Todavia, apenas 35% dos artigos e entrevistas foram feitos por pessoas negras, apesar dos esforços do grupo e das organizadoras. Além da chamada aberta e pública, os convites enviados aos pesquisadores negros não puderam ser respondidos por diversas razões, que envolvem tempo, organização e a limitação que a publicação *Dos bastidores* estabelece por meio de seu recorte temático que, como já citado, foca nos bastidores.

Assim, nossa aprendizagem prática comprovou que, se o material sobre cenografia, figurino, maquiagem e iluminação etc., em geral, já são escassos, quando se trata do tema teatros pretos é ainda mais limitado. Nossa busca sobre o tema trouxe pouco retorno bibliográfico – pode ser que o material exista, mas nós não o encontramos. O material histórico mais forte existente é sobre o Teatro Experimental do Negro (TEN), que vários pesquisadores nesta edição citam ao longo de seus textos, visto que teve papel fundamental na história do teatro negro no Brasil.

Esta lacuna, no entanto, não nos entristece. Torna a edição de *Dos bastidores eu vejo o mundo*, volume 7, sobre Teatros Negros, ainda mais especial: traz em si material

fundamental para pesquisadores do(s) teatro(s) negro(s) e um grito de alerta para que mais pessoas estudem este campo tão vasto e significativo.

Há espaço para pesquisas e há a necessidade da inclusão da história do teatro e das performatividades negras nos currículos escolares, de forma direta e obrigatória na formação do artista cênico brasileiro, e não de modo casual ou por demanda específica, quando necessário como suporte para alguma montagem. No curso do Departamento de Artes Cênicas da USP, meu local de trabalho, ainda não conseguimos esta inclusão de disciplina(s).

Por fim, há espaço para mais artigos, mais discussões, mais buscas e mais revelações. Quem sabe em alguns anos não teremos uma nova edição de *Dos bastidores eu vejo o mundo*, edição especial de Teatros Pretos 2?

É preto que sim, é muito preto que sim<sup>1</sup>.

**Fausto Viana**

---

<sup>1</sup> Carla Costa enviou o convite da publicação para um pesquisador negro perguntando se ele aceitaria. Ele, em um áudio divertido, respondeu que sim, “mas é preto que sim!” A troca do “claro” já traz um recado bem específico e oportuno.